

Entrevista concedida pelo Professor Paul Singer<sup>1</sup> à Revista Eletrônica do 3º Setor - Integração

**Paul Singer**, nos fala sobre *Economia Solidária* – uma nova filosofia de produção, trabalho e renda. Baseada em teorias clássicas de esquerda e em experiências históricas cooperativistas bem sucedidas. Singer acredita que o cooperativismo é "uma forma concreta de experimentação socialista", para uma possível e legítima transformação social. Mas completa - " Eu não acredito no socialismo imposto. Não tem nenhuma autenticidade, os valores não se realizam... a utopia e o socialismo que eu estou pregando, e não estou sozinho, deve começar de baixo para cima". Singer também nos diz sobre organizações que fomentam tais ideais, e que têm como objetivo a criação de uma economia mais igualitária e democrática.

Demonstrações práticas que ultrapassam o limite da "utopia", são exemplificadas por ele, como a ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária) e o GrameenBank, que já tirou um terço dos pobres de Bangladesh da linha de pobreza, e inspira a criação de vários "Bancos do Povo" pelo mundo, inclusive no Brasil.

A Economia Solidária é uma militância que marcha melhorando a qualidade de vida das pessoas, sem palavras de ordem, onde o trabalho não é subordinado ao capital e onde os principais líderes são os trabalhadores

ONGs, Clubes de Troca, Mahammed Yunus, Robert Owen e Charles Fourier são outros substanciais tópicos desta entrevista. Aproveite .

por **Leopoldo Costa, Daniel Gonçalves e Juliana Winkel**

### **1. O que é Economia Solidária?**

São formas de organização da produção, do consumo e do crédito feitas de forma democrática. Ou seja, as unidades são possuídas e geridas por seus trabalhadores - no caso de comunidades de produção, por seus consumidores - nas cooperativas de consumo e por depositantes e mutuários – nas cooperativas de crédito . São de posse coletiva e os direitos de decisão sobre a unidade ou sobre a empresa são idênticos. Isto é, ninguém tem mais poder de votos do que outros.

Outra característica da Economia Solidária é a inclinação ao igualitarismo, onde o trabalho é claramente prioritário neste tipo de organização. Ele é remunerado e, quando se precisa de capital, há uma remuneração em juros pelas menores taxas possíveis. O que sobra, o que seria o lucro numa empresa capitalista, é repartido entre os que trabalham por vários critérios acertados entre eles - algumas vezes por igual, outras em proporção ao que ganhou em relação às retiradas e assim por diante. Pelo fato de ser democrática, (A Economia Solidária) tende à maior igualdade em relação às empresas capitalistas. Esta é a grande diferença.

---

<sup>1</sup> Professor Paul Singer, atua na Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, ocupando o cargo de Secretário Nacional de Economia Solidária. A SENAES propõe, organiza e implementa políticas de apoio à economia solidária no Brasil.

## **2. A Economia Solidária surgiu como uma forma de estudo e aprimoramento do cooperativismo?**

Cooperativismo é Economia Solidária. Mas não chegam a ser sinônimos, porque a Economia Solidária acabou inventando outras coisas, que estão dentro dos mesmos princípios mas não são propriamente cooperativas. Tenho dois exemplos importantes, que hoje em dia são muito significativos. Um são os chamados "Clubes de Troca" (na América Latina - Brasil e Argentina) que, em inglês, se abrevia como "LETS" – Local Exchange Trade System. Estas são organizações de micro produtores e de autogestores. Podem ser médios também. Mas são de fato produtores autônomos, ou quase. Há também negócios familiares que se agrupam em centenas, e que criam dinheiro. Essa é sua característica. Eles emitem moeda própria. Ao emití-las, esses micro produtores se dão crédito mutuamente, ou seja, cada participante ganha um certo valor para poder comprar de outros, aumentando o mercado para eles.

O maior problema desses micro produtores é a falta de mercado. Muitos são desempregados e estão tentando sobreviver como micro produtores. Boa parte não tem tradição, pouco capital, não são conhecidos e já entram num mercado muito competitivo. Esses clubes de troca se reúnem em um grande número de pessoas, suscitando o mercado entre si.

## **3. Como funcionam os Clubes de Troca?**

Os membros se reúnem periodicamente. Todos se conhecem face-a-face. Nas reuniões, cada pessoa se apresenta, diz o que pode fazer e o que tem para vender. Nesse grupo há desde psicanalistas até mecânicos de automóveis, mulheres que fazem artesanato, cultivam verduras orgânicas...é um negócio muito amplo e diversificado. E cada um diz também o que gostaria de comprar, ou o que precisa. Pode ser desde de um tratamento de asma de um filho, por exemplo, até outros tratamentos médicos mais diversos...No LETS de Toronto (Canadá), a saúde tem muito peso nessa área, como eu vi num jornal que eles fazem com o objetivo de divulgar o que é oferecido.

Então, quando a pessoa diz o que precisa, os outros que estão ouvindo ficam alertas, porque, por exemplo, se ali há um professor que está interessado em dar aulas de francês, ele também pode receber, em troca, aulas de espanhol de outra pessoa especializada, se for do seu interesse... Ou uma pessoa que dá aulas de matemática, quem sabe pode dar aulas de informática também...Então vão se criando relações comerciais e comunitárias, que são muito importantes porque a miséria e o desespero vem do isolamento.

O drama do desempregado – eu falo muito dos desempregados porque essa é a crise brasileira e argentina e de muitos outros países – é que quando a pessoa perde o emprego ele também perde a identidade social . Se ele era um executivo, um metalúrgico, ou era alguém até ontem, hoje ele é um "ex". Não está mais no Sindicato e na empresa, está somente procurando ganhar a vida de alguma forma. Quando o desempregado entra num clube trocas, entra também numa comunidade de iguais, onde ele é alguém, onde é um participante ativo que compra, vende e participa.

#### **4. Nesse "clube de permutas", se é que podemos usar esse termo, como é o controle e a direção?**

*Sim. É um clube de permutas. Mas que pelo fato de emitir uma moeda e de ter um banco central e uma direção que controla, acaba sendo mais do que isso. Porque, por exemplo, há problemas de "carona" - um sujeito entra nesse Clube de Trocas, só consome e não oferece nada de interessante para o grupo. Tem que haver um limite para isso.*

#### **5. Como estão essas organizações na América Latina?**

*Na Argentina há mais de 100 Clubes de Troca, com aproximadamente 30 mil pessoas envolvidas. Lá, o movimento começou há poucos anos. Aqui em São Paulo tem 4 ou 5 Clubes de Troca já em desenvolvimento, que dependem apenas de alguns meses para se aperfeiçoarem. É uma outra forma de Economia Solidária, não é cooperativa, não é uma associação, mas é um pouco parecido com cooperativas agrícolas. Mas tem essacaracterística muito diferenciada, que é a criação e utilização do próprio dinheiro – baseada numa tecnologia desenvolvida no Canadá. Hoje, há na França, na Inglaterra e em outros países e vem se transformando em um negócio mundial. Os Clubes de Trocas formam redes em que as suas moedas são reconhecidas e aceitas internacionalmente. Por exemplo: se você pertence a um Clube de Trocas argentino, poderia passar as férias num hotel na França associado à um Clube de Trocas francês e que depois (a conta do hotel ) poderia ser paga em serviços ou através de qualquer outra coisa que você pudesse oferecer, se for do interesse do grupo, logicamente.. Há como localizar facilmente essas redes na Internet através de programas de sites de busca, usando "LETS" como palavra-chave.*

*Outra iniciativa é o GrameenBank, que surgiu em Bangladesh, idealizado pelo professor de economia Muhammad Yunus, e que hoje é uma experiência que está se multiplicando por toda a América Latina, Ásia , África etc. Aqui no Brasil há em Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Santo André (SP) e em outros Estados ("Bancos do Povo", que têm os mesmos princípios solidários e funcionam de forma semelhantes ao GrameenBank). Então, quando eu falo em Economia Solidária, eu falo das formas mais clássicas, como as Cooperativas que já existem há mais de 200 anos, juntamente com as formas mais recentes (já citadas, como os Clubes de Troca e o Banco do Povo).*

#### **6. Eu fiz um levantamento (Prof. Leopoldo) sobre organizações que coordenam o trabalho com microcrédito e descobri que, além do Banco do Povo, há várias outras entidades que concentram essas iniciativas...**

*Eu gostaria de fazer uma diferenciação importante. O GrameenBank acabou se transformando numa grande cooperativa de crédito. O Yunus mesmo resolveu dar essa afeição à ele. Os donos do GrameenBank, que é o maior de todos - o mais antigo e com 2 milhões de mutuários - resolveram fazer assim. Então, você tem uma organização com 2 milhões de sócios e que tem um potencial de crescimento fantástico. Cresce muito mesmo. Porque lá tem muitos milhões (de dólares), porque Bangladesh é um país grande com cerca de 70 milhões de habitantes. Mas por que ele tem um*

potencial tão grande de crescimento? Porque ele não depende de filantropia. Esse é o ponto. Você tem inúmeras experiências filantrópicas que não tem essa capacidade de crescimento. Quase nenhuma. Por exemplo: a Igreja dá 100 mil reais para uma entidade dessas e depois isso vai rodando um pouco, alguém deixa de pagar e dentro de alguns anos não tem mais nada.

Já no GrameenBank e no Banco do Povo, os próprio beneficiários depositam as suas economias. E pelo o que diz o Yunus, e acho que ele tem razão, pequenos créditos para pessoas muito pobres tem um efeito multiplicador fantástico. Ele diz que em dez anos um terço das camponesas que se associaram ao GrameenBank, um terço saiu da linha de pobreza. Então, na medida em que elas vão se tornando menos pobres, aumentam suas poupanças colocadas no Banco, o que o permite expandir. E o Banco é totalmente soldável. Ou seja, eles cobram juros não favorecidos, são menores do que os de agiotas - que são ainda maiores que os juros comerciais em geral. Que, antes, muitas mulheres recorriam a ele (porque era uma das únicas alternativa).

Mas o Banco do Povo tem essa característica fundamental, ele é possuído pelos camponeses ou seja lá para quem ele é feito. Ele não é uma ação de ajuda de um governo, de uma igreja ou de uma ONG. Ela é um Banco que é soldável. Ele cobre os seus custos. Lá, o GrameenBank tem milhares de funcionários. Mulheres e homens que são líderes comunitários, que ganham, segundo Yunus, salários de mercado. Recebem treinamento, trabalham em tempo integral acompanhando grupos solidários de crédito.

Por isso que eu estou dizendo que isso é que está dentro de Economia Solidária. Pelo o que eu li, sobre outras organizações - que são bem intencionadas – quando são filantrópicas, não passam do projeto piloto. E exatamente por ter essa característica filantrópica, tem pouca capacidade de ampliação. A não ser que a entidade bem feita injete cada vez mais dinheiro e obviamente isso não existe.

## **7. Normalmente quem trabalhava com cooperativismo usava mais o termo Economia Social ao invés de Economia Solidária ...**

Eu tenho lido sobre isso, e realmente há um debate sobre o uso desses diferentes termos. Eu tenho um "paper" interessantíssimo de um intelectual português que discuti sobre isso. Segundo ele, na Espanha, em Portugal e em outros países, o significados de Economia Solidária são diferentes e às vezes com sentidos parecidos. Por exemplo: na França a Economia Solidária significa "Serviço de Solidariedade ao Outro", e que se faz via cooperativas freqüentemente . Por exemplo: o cuidado de pessoas idosas. Não em asilos, mas que moram em suas casas e precisam ser visitadas, porque muitas vezes têm dificuldades de se locomover, precisam que alguém lhes ajude a se cuidarem, etc. São pessoas muito idosas e que não querem ficar em instituições. Também há serviços que são pagos pela Municipalidade. É a mesma coisa com drogados, crianças abandonadas, alcoólatras, etc.

Eu conheci uma organização muito interessante nos EUA que tem mais de 100 projetos dessa natureza. Isso é o que os franceses chamam de

**Economie Solidaire.** Mas não tem a ver com o que estamos falando. Enfim, tem apenas alguma relação, apenas o objeto do trabalho que é solidário. O que eu estou considerando aqui é o princípio de organização – as relações entre as pessoas e entre as próprias cooperativas. Eu diria que neste momento que nós temos um vasto campo de definições conceituais, variando de acordo com cada país e cada autor (de livros sobre o tema). Eles costumam usar esses dois termos, assim como vários outras terminologias próximas a essas, da forma que eles consideram mais adequado. Não vejo problemas enquanto a isso.

**8. Na Fundação Getúlio Vargas, assim como em vários lugares do mundo, nós passamos usar o termo 3º Setor, que tem um forte foco em ONGs. O que o senhor acha desse conceito?**

Eu tenho uma posição "agnóstica" sobre isso (risos). Eu não conheço o suficiente para tomar uma posição. Mas eu percebo o seguinte: entre as cooperativas de um lado e as ONGs de outro, há uma diferença. Eu tenho uma grande simpatia pelas ONGs e estou convicto que elas desempenham um papel importante. Dizer que as cooperativas são mais ou menos importantes que as ONGs não faz sentido. São organizações distintas. As ONGs são muito parecidas com a Economia Solidária no conceito Francês. São organizações que tem fins públicos e solidários. Pode ser para ajudar crianças de rua, camponeses ou pessoas e setores que precisam de ajuda, que se servilizem ou que lutem pelos seus interesses. Isso é o que eu entendo por ONGs. Diferente das cooperativas. As cooperativas são organizações para ganhar dinheiro. Não fundamentalmente só para isso. Mas elas tem essa finalidade, a de gerar trabalho e renda, produzindo o que o mercado quiser. Completamente diferenciado das ONGs que se caracteriza pelo seu produto. Há então algumas diferenças e convém, do ponto de vista científico, distinguir essas diferenças, sem a necessidade de criar antagonismos.

**9. Qual é o processo de trabalho da ANTEAG - Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária?**

As experiências da ANTEAG partem de empresas em funcionamento que quebram, e as pessoas, para preservarem os empregos, assumem a empresa usando seus créditos trabalhistas. Essa é a forma. As empresas não podem parar de funcionar, se não as pessoas não comem. Então você tem que transformar uma empresa capitalista em socialista, que é exatamente o oposto, sem que ela pare de trabalhar. É mais ou menos como jogar uma pessoa na água para ela aprender a nadar. Ou se afoga ou nada. Não é o modo Ideal. Existe um outro processo que é o inverso desse, que é o de Incubadoras de Cooperativas, onde as pessoas primeiro se reúnem, resolvem que querem fazer uma cooperativa, aí vão procurar uma atividade econômica para desenvolver, etc. Já o processo da ANTEAG é ao contrário, por cauda da necessidade. Mas é fascinante. Os trabalhadores, depois que colocam as empresas de pé, e isso acontece sempre, têm apenas uma pequena noção de cooperativismo. Em geral ela fica mais na direção mesmo. Que são antigos dirigentes sindicais que viraram empresários. Há um enorme esforço da ANTEAG para fazer com que o

chamado "chão da fábrica" comece a perceber que uma cooperativa não é uma fábrica onde o patrão é um antigo líder (a ser substituído por outro). Não há patrão. Ele não ganha salário e não tem nenhum direito trabalhista. Ele é patrão de si próprio. E esse é um processo revolucionário. Se nós não criarmos uma forte unidade para juntar experiências e esforços, vamos Ter muitos fracassos pelo caminho. Essa compreensão está crescendo em todos nós. Temos que nos unir.

#### **10. Ainda sobre a ANTEAG: As empresas quebram, os trabalhadores começam a assumir. Como é a relação entre os trabalhadores e o sindicato nesse processo?**

Essa é uma pergunta muito boa. Os sindicatos tem um papel essencial porque eles são os representantes legais dos trabalhadores. Felizmente o processo falimentar (de falência) é demorado. Quem está dentro da empresa percebe que ela está ruindo. Então começa a não pagar as contribuições, recolhe dos trabalhadores mas não paga (os impostos) para tentar, no desespero, obter capital de giro. O governo não fecha a empresa imediatamente. A empresa pode ficar anos sem pagar impostos e depois o governo parcela a dívida em oito anos e paga. Depois a empresa não paga os fornecedores, fica sem matéria prima e, finalmente, também deixa de pagar os trabalhadores. Aí a situação fica insustentável. Os trabalhadores recorrem ao sindicato, que por sua vez tem como primeira preocupação preservar os direitos dos trabalhadores. Mas os direitos já foram para o espaço...os trabalhadores tem direito a muito dinheiro, mas esse dinheiro não existe. O que existe é uma massa falida. Optar por leilão, não compensa. Uma coisa é uma fábrica funcionando, produzindo, e outra é arrancar suas máquinas e procurar vender como ferro velho. Essa diferença de valor leva o sindicato - quando ele tem "cabeça"- junto com os trabalhadores, a ir ao juízo de falência, e dizer: "Como nós somos credores privilegiados pela lei e grandes credores no caso, que nos entreguem o patrimônio para ele continuar valorizando. Senão (os patrões e os empregados) vão perder tudo...". E então o juiz pode conceder ou não.

Mas também há casos em que o BNDES compra uma parte do capital e os trabalhadores tornam-se sócios com 51 por cento da antiga empresa. Mas existem várias modalidades, não são só essas. Eu as usei como exemplo para melhor responder a pergunta. Mas, respondendo-a melhor: a presença ativa do sindicato é essencial, em todos os casos. Quando sindicato não quer, nada acontece. Eu conheço um caso extremamente interessante de uma empresa de cristais, muito tradicional, com mais de 60 anos. O proprietário - que por acaso é meu amigo - estava desesperado porque a produção de cristais é um trabalho artesanal, que leva anos para formar as pessoas e que de repente iria fechar. Ele queria transformá-la em uma cooperativa, procurou a ANTEAG e tudo mais... Mas no meio desse processo, houve uma eleição no sindicato, entrou uma chapa mais de esquerda, que achou que isso era uma coisa inaceitável: transformar os trabalhadores em patrões. Achavam que eles (os sindicalistas) deveriam tomar o poder, etc...(risos). E é sério. Isso aconteceu. E o processo parou. Tudo foi para trás. É um exemplo de como é decisiva a presença do sindicato querendo que essas coisas aconteçam. E em muitas empresas da

ANTEAG os principais líderes das cooperativas são os presidentes dos Sindicatos.

### **11. Qual é a origem do cooperativismo?**

*Eu escrevi um livro chamado "Utopia Militante", em que eu tento contar a história de um país específico que é a Grã Bretanha. Eu escolhi este país porque foi lá que houve a revolução industrial, e o histórico do cooperativismo está muito ligada à industrialização. Então, no caso deste país, as primeiras cooperativas surgiram no século XVIII. Mas o grande movimento cooperativo começou com o líder e autor chamado Robert Owen. Ele era um grande líder industrial e transformou-se num grande líder socialista. Inclusive líder da classe trabalhadora inglesa. Era uma figura fascinante e que tornou a palavra socialismo de uso comum.*

*Ele propunha formar comunidades comunistas, onde as pessoas se agrupassem numa aldeia, trabalhando em comum, produzindo o que fosse possível e tudo o que fosse ganho seria repartido entre eles igualmente. Ele tentou fundar várias, inclusive nos EUA. Mas ao lado dessas aldeias de Owen houve um vasto movimento owenista, via jornais e livros. A revista **The Economist**, por exemplo, foi originalmente uma cooperativa owenista. Ela funcionou vários anos assim. Essa primeira fase do movimento cooperativo foi uma fase de enormes experimentações. Não havia princípios claros. Mas a idéia era essa – tudo mundo igual, repartindo tudo, etc... Era uma reação ao individualismo e à competição extremamente violenta que a revolução industrial estava trazendo para a economia. Então esse foi um movimento reativo, inclusive ao ludismo. Porque a primeira reação aos trabalhadores atingidos pela revolução industrial era destruir as empresas e milhares foram queimadas. Não foi uma coisa pequena. Com Owen se começou a compreender que a indústria é uma coisa positiva e que tentar, por força, querer manter o artesanato pré-industrial não era uma boa proposta. Então, o novo movimento operário que surge aceita a indústria democrática, pra todos, por igual, etc... Owen, por exemplo, propôs aos sindicatos ingleses, que no momento em que fizessem greves, imediatamente se organizasse uma cooperativa para roubar o mercado dos capitalistas. Mas os capitalistas se organizaram, fizeram um locaute imenso, destruindo o movimento. Isso entre 1825 e 1834. Essa história é fascinante, vocês podem dar uma lida em meu livro, mas não está só nele, há muito mais fontes.*

*Em 1895 se forma a Aliança Cooperativa Internacional, que existe até hoje, que agrega as cooperativas de consumo ao norte da Inglaterra, as cooperativas operárias francesas, que tiveram um auge muito forte em 1848 e as cooperativas de créditos rurais alemãs. Mas é necessário pesquisar melhor para saber exatamente qual é o país de origem do cooperativismo.*

### **12. A Aliança Cooperativista Internacional mantém o ideal revolucionário ou tem o cooperativismo somente como uma alternativa de produção de bens e serviços? Afinal, ela também se origina a partir de ideais de socialistas utópicos como Robert Owen...**

*É uma boa pergunta...muito interessante. Owen é um socialista utópico. Um outro grande socialista utópico que sempre se associa ao nome dele é o Charles Fourier, que são contemporâneos mas, que eu saiba, nunca se*

encontraram. Fourier também propõem aldeias comunistas. De modo que um francês e um inglês, cada um independentemente, na mesma época, por razões intuitivas e históricas, acabaram propondo um socialismo semelhante. Mas, respondendo à sua pergunta: A Aliança hoje é muito grande, com centenas de países e é um órgão associado à família ONU. Eu diria que o discurso da Aliança é vagamente anticapitalista. Também não chega a dizer que é um complemento ao capitalismo, mas que é uma forma superior à ele. E que há uma certa rejeição ética ao mundo da competição do capitalismo, etc... Mas o fogo revolucionário apagou – na Aliança.

Owen realmente achava que em poucos anos, eles (os cooperativistas) seriam um exemplo. O sonho dos utópicos era que, se eles conseguissem fazer uma boa sociedade, ela seria replicada pelo exemplo. Porque na época, no século das luzes, isso não era tão absurdo. Vou contar uma história interessante: Owen comprou do sogro dele uma enorme empresa têxtil, e ele simplesmente deu casas decentes aos trabalhadores, tirou as crianças das fábricas, colocou-as em escolas. Ou seja, passou a tratar os trabalhadores como gente. E a empresa deu lucro. O fato dele realizar essas benfeitorias e ter feito uma indústria extremamente lucrativa, tornou-se um grande evento mundial.

Nessa fase de sua vida, ele foi chamado de "O filantropo Sr. Owen" . Arquiducos russos, princesas austríacas, marqueses espanhóis e o mundo se interessava e não ignorava a idéia de que empreendimentos dessa natureza poderiam ser replicados. Esse não era um pensamento absurdo. Depois ele radicalizou, começou a se empenhar por legislação do trabalho, aliou-se a um grande industrial chamado Pier, fracassaram, começou a radicalizar ainda mais atacando todas as igrejas, como coniventes com a exploração, etc...e começou a propor que os trabalhadores, por iniciativa própria, dessem as costas aos capitalistas e se organizassem e assim por diante. Depois ele liderou a grande central sindical inglesa, até que ela foi destruída pelos patrões. Owen ainda viveu mais de 20 anos e morreu em 1858.

### **13. Como é a reação dos empresários, de uma maneira geral, em relação às empresas autogestionárias?**

Pelo o que eu li, eu estou estudando isso há 3 anos apenas, mas dá para dar uma idéia. O cooperativismo tem apoios entusiásticos de direita e esquerda, curiosamente. Da direita, não toda ela, evidentemente. Mas há críticos liberais, lideranças empresariais, etc.. que têm simpatia. Uma das razões disso é a seguinte: é ótimo (para os empresários) que movimento operário descubra como é difícil ser patrão. Como é complicado enfrentar o fim do mês, as contas, os compromissos financeiros, a necessidade de ser competitivo, baixar custos, entre outras coisas. Então esse é um dos pontos que faz com que eles apoiem as experiências autogestionárias. Do lado da esquerda, a maioria das pessoas apoia, assim como eu.

Na Europa o cooperativismo e o sindicalismo são irmãos gêmeos. Muitas vezes a central sindical e a central cooperativa costumam estar no mesmo prédio. Nós achamos que essa é uma forma concreta de experimentação socialista. Todas as experiências socialistas – revolução Russa, Cubana, Chinesa, etc. - , foram colocadas com imposição, de cima para baixo, e fracassaram por esse mesmos motivos. Se tentou impor à população uma

*mudança radical de relações sociais sem convencer as pessoas de que isso era bom para elas. Isso só criou, na verdade, um grande regime autoritário e totalitário – onde só leva o nome de socialismo, mas que de socialismo não tem nada. Mas a utopia e o socialismo que eu estou pregando, e eu não estou sozinho, deve começar de baixo para cima, em algo que se confronta - você pode ter uma competição pacífica entre as empresas capitalistas e as empresas socialistas ou solidárias...e as pessoas vão ter sempre a liberdade de optar por uma ou por outra. Eu não acredito no socialismo imposto. Não tem nenhuma autenticidade, os valores não se realizam. O que eu vejo como revolução socialista é talvez uma gradual hegemonia dessas formas na competição.*

**14. Seria uma revolução independente de um "Estado controlador"?**

*Muito independente do Estado. Mas acho que o Estado tem o dever de apoiar, assim como apoia também as empresas capitalistas. Eu, de vez em quando, nas minhas exposições, digo: "Se os Estados brasileiros fizerem por nós, o que fazem pelas multinacionais, na guerra fiscal, nós já ficaríamos contentes, não exigimos mais nada. Nós só queremos igualdade".*